

## **A Pandemia de COVID-19 diante da dor de todos nós : notas para intrusão de uma comunicação social e suas interfaces com a saúde mais cidadã**

***Adauto Emmerich Oliveira ([adautoemmerich@terra.com.br](mailto:adautoemmerich@terra.com.br))***

PhD em Saúde Pública – ENSP/Fiocruz, Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva– Brasil. Pesquisador do PRINT – Programa Institucional de Internacionalização. CAPES/PRINT – Edital n 41/2017.

***Carlos Eduardo Siqueira ([Carlos.Siqueira@umb.edu](mailto:Carlos.Siqueira@umb.edu))***

Médico, Mestre em Saúde Pública, Doutor em Work Environment Policy e Professor associado na Escola de Meio Ambiente (School for the Environment) da Universidade de Massachusetts Boston.

***Michele Nacif Antunes ([michelenantunes@gmail.com](mailto:michelenantunes@gmail.com))***

Jornalista, Mestre em Epidemiologia em Saúde Pública, Doutora em Saúde Coletiva e Pós-doutoranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista Profix/Fapes.

***Paola Pinheiro Bernardi Primo ([paolaprimonp@gmail.com](mailto:paolaprimonp@gmail.com))***

Publicitária, Mestre em Gestão Pública e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

**7 de Maio de 2020**

É um momento realmente desafiador e para muitos, cada vez mais difícil de ser compreendido. A pandemia do novo coronavírus, causada pelo vírus Sars-CoV-2, o agente etiológico da Covid-19, está mobilizando o mundo e envolvendo esforços e cooperações científicas de todas as partes visando conter a pandemia. A produção de conhecimento vem de diversas áreas, são

pesquisas, ensaios teóricos, livros *e-books*, entrevistas com políticos, com *experts* na área da saúde, e, também, das ciências humanas, contrariando a voz hegemônica do modelo biomédico. Surgiram iniciativas para concentrar depoimentos dos atingidos diretamente pela pandemia, predições epidemiológicas, prospecções de cenários e, também, reflexões sobre o momento do pós-pandemia, impulsionadas pelo que se convencionou chamar de “o novo normal”. E o que seria esse “novo normal?” Há quem diga que esse “novo normal” é um discurso de privilegiados e os remediados e pobres não terão um “novo normal”.

O mundo está “sangrando e doído”, mas estamos diante de mundos com diferentes realidades. Há um mundo em estado de letargia e nele pessoas em confinamento, muitos em teletrabalho, e outros já sem trabalho. E para esse mundo repete-se as recomendações de cuidados básicos, como utilizar máscaras, manter as casas ventiladas e higienizar as mãos com regularidade. Mas, estamos também diante de um outro mundo, que os mecanismos de gestão da pandemia aprofundam sua marginalização. A margem infinita da exclusão.

Neste contexto, podemos citar as periferias e favelas do Brasil. Para esse mundo, repete-se também as recomendações de cuidados básicos. A pergunta que se faz é: como estar em quarentena se as pessoas que vivem nas comunidades raramente têm trabalho formal? Como ventilar as casas com suas janelas pequenas e insuficientes para uma boa ventilação? Como lavar as mãos em moradas onde o abastecimento de água potável é intermitente e, muitas vezes, até inexistente? Para esse mundo o que significa #fiqueemcasa?

Esses territórios brasileiros, antes, sob o predomínio do olhar como território de criminalidade, hoje, em meio à pandemia, é o lugar onde a doença pode se alastrar de forma descontrolada<sup>1</sup>. Especialistas brasileiros alertam que o Covid-19 é mais letal em regiões de periferia no Brasil e afirmam que a doença terá um impacto mortal nas áreas sem saneamento básico e onde a oferta de serviços de saúde é mais escassa<sup>2</sup>.

Assim, somos instados a abordar um trecho do relato de um médico do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (**Samu**) de São Paulo que nos expõe uma realidade indiscutivelmente cruel de como os mais vulneráveis e pobres são atingidos neste momento no Brasil<sup>3</sup>.

"Lembro bem a última verificação de óbito que fiz. Foi em Cidade Ademar (na zona sul de São Paulo), um lugar pobre, pobre, pobre..Entrei para ver. Era um barraco com um cômodo daqueles tipos que se estendem para dentro. Um quarto com cinco camas. Uma janela para o fundo, que era uma área de serviço...

... Essa talvez seja só mais uma etapa da vida que é difícil para eles. É difícil acordar cedo, se arriscar no ponto de ônibus de madrugada, conviver com a rotina da violência nas periferias. A morte faz parte do cotidiano de quem mora na periferia. A morte de gente que não era para morrer, seja por violência ou porque não teve acesso a um bom serviço de saúde. A sociedade convive com valores diferentes em Cidade Ademar em comparação a Higienópolis, valores fundamentais como o direito à vida. Quando fui declarar óbitos nas áreas mais periféricas é que percebi como a realidade da epidemia é cruel."

O que se percebe é uma ausência de humanidade que permeia a realidade pandêmica, e com uma figura de linguagem, uma metonímia, recorreremos à Susan Sontag<sup>4</sup> para refletirmos sobre a pandemia do coronavírus como "uma dor que está diante de todos nós", e que nos cabe com respeito revelar alguns elementos sobre o poder imagético em nossa sociedade.

No ensaio "Diante da dor dos outros", Sontag<sup>4</sup> faz uma genealogia e relaciona fatos quanto a perversidade e frieza humana, sinalizando com a argumentação de que "a vida moderna consiste em uma verdadeira dieta de horrores que nos corrompe e a que nos habituamos gradualmente, sendo uma ideia básica da crítica da modernidade". A autora argumenta que essa crítica é quase tão antiga como a própria modernidade e remete ao comentário do poeta francês Charles-Pierre Baudelaire, em 1860, que comenta sobre os jornais da época, relatando que é impossível ler qualquer jornal, de qualquer dia ou ano, e não descobrir em todas as linhas elementos mais pavorosos da perversidade humana. Os jornais seriam "tecidos de horrores, guerras, crimes, roubos, linchamentos, torturas, as façanhas malignas dos príncipes, das nações, e indivíduos particulares", como se fosse uma orgia de atrocidades universal. Com uma fina ironia nos revela que é com este aperitivo abominável que o homem civilizado todos os dias rega o seu repasto matinal". Ao olharmos para os dias de hoje, o trecho acima não se difere da pandemia do coronavírus quando as emissoras de televisão, jornais digitais e impressos e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) nos proporcionam uma fonte incessante de imagens dos impactos sofridos, que chegam a nós como informações vastas e

de forma invasiva sobre a atualização diária da pandemia globalmente: é “uma dieta de horrores”.

Outro exemplo trazido por Sontag<sup>4</sup> são as guerras e os seus efeitos, que por meio das fotografias, nos mostra que a compaixão, distendida até o seu limite, está se tornando entorpecida e que as pessoas estão perdendo a capacidade de reagir pela difusão implacável de imagens negativas sobre os fatos sociais nas quais a ética vem sendo minada. Sontag<sup>4</sup> discute essa questão com Debord<sup>5</sup> que afirma vivermos numa “sociedade do espetáculo”, na qual o real convive em todas as situações com o espetáculo, a realidade sai de cena e surgem representações midiáticas que constroem imaginariamente o real. Essa maneira muito peculiar de ver a realidade foi duramente criticada por Sontag<sup>4</sup> que nos afirma: “Dizer que a realidade se transforma num espetáculo é um provincianismo assombroso”.

Nessa direção, ao trazermos para as telas a pandemia midiaticizada como um espetáculo é tentar universalizar um olhar muito particular de uma população com alto grau de instrução, de uma parte muito rica do mundo onde a noticiabilidade sobre o coronavírus transformou-se em um entretenimento e uma mercadoria. O que nos faz recordar também do espetáculo da guerra do Iraque, quando o mundo pode assistir, ao vivo, a “viagem” de mísseis Tomahawk cruzando os céus de Bagdá. O espetáculo, pelo o ineditismo, possuía valor acrescido de interesses ao contrário das vidas humanas. Soma-se ao fato da atual pandemia, não diferente de outras, ser enfrentada como uma “guerra”, apoiada por todo o léxico que lhe é inerente. Assim, o espetáculo, pelo o ineditismo, passa a possuir um valor acrescido de interesses “de um mercado de notícias”, e muitas vezes a dor do outro passa a ser também uma mercadoria que passa pelos processos editoriais para ser noticiada.

Diante dessas reflexões, uma das apostas é que essa espetacularização da pandemia seja transcendida por uma “comunicação social mais cidadã”, aliando ao pensamento do pesquisador brasileiro Muniz Sodré<sup>6</sup>, proporcionando equânimes condições de informação, transcendendo as diferenças e criando pontes entre as diversas realidades, ressaltando, assim, a origem etimológica da palavra comunicar, que é deixar agir em comum, partilhando algo, pondo-se em comum, numa condição verdadeira que é estar diante da dor de todos nós.

## Referências:

1. A solidão das superpopulosas favelas no combate à maior crise sanitária do século . 2020. Disponível em :<http://www.uff.br/?q=noticias%2F04-05-2020%2Fsolidao-das-superpopulosas-favelas-no-combate-maior-crise-sanitaria-do-seculo>. Acesso em 07 maio 2020.
2. Pires, L.N; Carvalho, L. Xavier, L.L. COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil. 2020. Disponível em: <https://ondasbrasil.org/wp-content/uploads/2020/04/COVID-19-e-desigualdade-a-distribui%C3%A7%C3%A3o-dos-fatores-de-risco-no-Brasil.pdf>. Acesso em 07 maio 2020.
3. Carvalho, M.A. "Como morrer é normal?": Médico relata o avanço da covid-19. Portal Terra. Disponível em: [https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/como-morrer-e-normal-medico-relata-o-avanco-da-covid-19\\_ea6c19ee58bdf8c195723e060e68f6fbgs6arw5k.html](https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/como-morrer-e-normal-medico-relata-o-avanco-da-covid-19_ea6c19ee58bdf8c195723e060e68f6fbgs6arw5k.html), Acesso em: 05 maio 2020.
4. SONTAG, S. Diante da dor dos outros. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.
5. DEBORD, G. Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
6. SODRE, M. A Ciência Do Comum: Notas para o Método Comunicacional. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.